

OS IMPACTOS DAS TELAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Leticia Aragão Torres de Araújo¹; Rainara Silva da Costa Teles²

¹Universidade Estadual Vale do Acaraú, (UVA), Sobral (CE)

Letatorresa@gmail.com

²Universidade Estadual Vale do Acaraú, (UVA), Sobral (CE)

Rainarasilvact8@gmail.com

Resumo:

A tecnologia tem se desenvolvido em grande velocidade e se tornado acessível para a grande maioria da população; com isso, dispositivos com telas, como smartphones, tablets, televisores e computadores, estão cada vez mais presentes na sociedade. Nesse contexto, as crianças passam a ser expostas precocemente a esses recursos, frequentemente fazendo uso excessivo dessas tecnologias. Na contemporaneidade, torna-se necessário dialogar acerca dessa problemática. Desse modo, este estudo tem como objetivo analisar o papel da família e da escola na aprendizagem de crianças que utilizam telas de forma excessiva no contexto educacional brasileiro. Para fundamentar a pesquisa, foram considerados autores como Jean Piaget (1999), Lev Vigotski (2000), Christoph Türcke (2012), Santos e Silva (2023) e Paulo Freire (1984), entre outros. A metodologia empregada foi de natureza qualitativa, do tipo descritivo-exploratório, sendo aplicado um questionário aberto com professores que atuam em escolas públicas de Educação Infantil. Os resultados apontam impactos significativos no processo de desenvolvimento e aprendizagem infantil, associados ao uso excessivo dessas tecnologias, evidenciando também transformações sociais decorrentes de sua ampla difusão. Conclui-se que, diante do contexto atual, professores, família e escola podem atuar como agentes na mediação do uso das telas, buscando não apenas minimizar seus efeitos negativos, mas também utilizá-las como aliadas no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Tecnologias digitais. Infância. Família. Escola. Desenvolvimento infantil.

O tema abordado foi escolhido, pois por conta de nos dias atuais a tecnologia está em seu processo mais avançado adentrando e alterando a vida e os comportamentos de muitas pessoas. Na área infantil, a precaução deve ser ainda maior, pois muitas crianças são expostas à tecnologia desde cedo, e isso pode agravar bastante o desenvolvimento da própria. Tendo como consequências físicas e psicológicas, o estresse excessivo, ansiedade, depressão, obesidade, além de afetar bastante a interação com o meio.

Postman (1994) acusa a tecnologia de desumanizar, destruir as formas naturais da cultura e da comunicação em favor de uma burocracia mecanicista. Como à televisão, aos computadores também é atribuído o papel de abalar a racionalidade, a moralidade, a coerência social, e de gerar caos e confusão, para Postman (1994), as tecnologias mudam aquilo que as pessoas têm como verdades.

Nesta citação, o próprio está referindo-se como é prejudicial para o desenvolvimento da criança o uso excessivo das telas. Pois como dito acima, o uso de telas usado de forma incorreta modifica de uma forma negativa o desenvolvimento da criança, é prejudicial tanto com a interação como o próximo, como o desempenho, a aprendizagem, e isso acaba se tornando um vício preocupante nesta fase infantil.

Por meio de questões vinculadas às crianças e as telas, também ao seu mau uso e seus malefícios, o principal objetivo desta pesquisa é apurar como os professores veem e sentem sua prática educativa, diante das crianças que são expostas por muito tempo nas telas e buscar entender como os sujeitos são afetados, e estar sempre disposto a procurar soluções cabíveis para auxiliar melhor no desenvolvimento da criança.

Desse modo, deseja-se observar como os pais reagem diante dessa problemática, como contribuem para a exposição das crianças às telas e o ponto de vista perante o exposto. Ademais, anseia observar o papel da escola e da família, meios que os mesmos podem contribuir com intuito de reduzir os impactos das telas, mediante as crianças.

Discorrer sobre a exposição de crianças às telas é necessário para os dias atuais, visto que a tecnologia vem avançando muito e o uso dos meios digitais por parte das crianças está começando cada vez mais cedo. Ao se referir ao consumo das crianças nas telas, é necessário falar que este irá impactar nas áreas de desenvolvimento social e cognitivo, trazendo malefícios e substituindo outras atividades do cotidiano da criança.

São muitos os fatores que vão contribuir para que a criança seja exposta muito cedo as telas, um deles é o tempo que os pais têm disponíveis, muitos pais por não terem tempo de

desenvolver atividades com os filhos, usam as telas como um meio para entretenimento e ocupação das crianças, gerando assim, problemas e distúrbios, que irão afetar na aprendizagem e na criança como aluno na escola.

Diante deste problema, a escola também passa por dificuldades, por ser um ambiente que as crianças passam mais tempo, os atrativos e recursos de aprendizagens comparados às telas, se tornam desinteressantes e há a necessidade de sempre inovar e trazer algo que irá reter a atenção e contribuir para a aprendizagem.

Portanto, há a necessidade de conscientização dos pais e a busca de novas atividades para que as crianças sejam afastadas e assim, não afetadas pelas telas, pois o que acontece em casa, é um espelho do que pode ocorrer em outros espaços e por isso, é tão relevante falar sobre ele problematizando-o. Diante desse contexto, a pergunta de partida é "Qual o papel da família e escola no processo de ensino e desenvolvimento diante os impactos das telas?"

Os pais desenvolvem papéis cruciais na educação dos filhos e a escola é o meio pelo qual as crianças irão desenvolver habilidades e consultar diversas áreas do conhecimento. Por esse motivo, uma parceria entre pais e escola, pode trazer benefícios para conscientizar a família e também, ajudá-los na busca de soluções frente às telas, visto que, muitos pais não são instruídos e não percebem os malefícios que estão causando aos seus filhos ao expô-los às telas.

Ao analisar esta problemática, devemos discutir como será realizado o papel dos pais e o da escola e mais ainda, discutir qual é esse papel, pois é viável esclarecer isto, visto que, educação e família não se separam, é uma mão de via dupla que devem funcionar juntas, sendo algo que traz benefícios para ambos.

Esse artigo tem como objetivo geral: analisar o papel da família e escola na aprendizagem de crianças que utilizam as telas com frequência. E os objetivos específicos são: 1 Entender os impactos das telas na aprendizagem; 2 Identificar os benefícios do uso correto das telas e os malefícios do uso excessivo; 3 Discutir como as telas afetam no desenvolvimento e aprendizagem; 4 Refletir sobre o papel dos pais e escola ao buscar soluções para esse problema.

Metodologia

Minayo (2011) traz que ela vai muito além apenas de dar indicativos, trazendo que ela articula-se com a teoria e faz relação com a realidade, encaminhando os impasses para a prática, devendo ser clara e coerente com o que está sendo colocado.

Levando em consideração que essa pesquisa está buscando compreender determinada

situação problema da realidade e busca entender questões particulares, ela não constitui uma abordagem quantitativa e sim, uma abordagem qualitativa, pois trabalha com motivos, atitudes e ações individuais, características da pesquisa qualitativa, como coloca Minayo.

As pesquisas podem ser de variados tipos e as classificações podem ser de diferentes maneiras. Para Gil (2002), para classificá-las é importante ser sob algum critério e sua classificação deve estar relacionada com os objetivos gerais da pesquisa e seus métodos.

Esta pesquisa tem caráter descritiva-exploratória. Descritiva, pois como afirma Gil (2002) vai descrever as características e a relação entre as variáveis através da coleta de dados e exploratória, pois através da aproximação do problema, através da busca de compreendê-lo, vai tornar mais clara a construção de hipóteses.

Desta forma, o estudo descritivo-exploratório busca descrever as características, dar maior familiaridade ao que está sendo estudado e também aprimorar as ideias colocadas. Sendo a exploratória, o primeiro contato do pesquisador com o objeto da pesquisa.

Para construir o referencial teórico, foram selecionados arquivos recentes e os mais específicos para abordar o tema, através do Google Acadêmico, buscou-se artigos mais citados e também, mais precisos ao tema, com os seguintes descritores: telas, aprendizagem, família, desenvolvimento social e cognitivo, escola, crianças e educação. Através desses descritores, foram encontrados muitos artigos, tanto de anos atuais, como artigos com ideias de autores contemporâneos e passados, onde procurou-se utilizar aqueles mais relevantes.

A pesquisa aconteceu acontecer no município de Sobral (CE), no interior do Ceará, localizada a cerca de 230 km da capital Fortaleza. Com uma população estimada de 210.711 habitantes, segundo a estimativa do IBGE de 2020.

A política educacional de Sobral chama a atenção de inúmeros pesquisadores. Segundo Bernardo Mançano (2021) o sistema educacional de Sobral desenvolveu-se por meio dos recursos existentes em seu território, por sua realidade ambiental, cultural, econômica, social e política. Para ele, Sobral só conseguiu êxito no desenvolvimento educacional por meio do compromisso e investimento na educação.

O sistema educacional é pautado na: Oferta padrão de qualidade nos anos iniciais do ensino fundamental com foco na alfabetização de todas as crianças até a idade de 7 (sete) anos; Assegurar a diversidade de métodos e propostas pedagógicas de alfabetização com foco no letramento, bem como o acompanhamento dos resultados de aprendizagem pelo sistema de ensino do município; Fazer monitoramento dos alunos que concluem o ensino fundamental, de modo a garantir o ingresso e a permanência no ensino médio, erradicando a evasão escolar; Zelar pela permanência e o bom desenvolvimento escolar dos alunos com deficiência; Investimentos em escolas equipadas com tecnologia.

O Início do projeto ocorreu no mês de outubro de 2023, tendo sua finalização escrita em novembro do mesmo ano e sua aplicação prevista para o início do ano de 2025. A cidade de Sobral foi escolhida como fonte de pesquisa para o projeto, pois a cidade é a mais desenvolvida pelos arredores. Sendo vista com o avanço maior, principalmente na área tecnológica, onde afeta as crianças no ambiente em que vivem, tendo como foco principal a própria residência e a escola.

No presente estudo, é indicado como sujeitos os professores, pois o educador também é visto como um dos responsáveis fundamentais pelas atividades desenvolvidas na educação infantil, onde são consideradas de extrema importância para construir sujeitos reflexivos, críticos e respeitosos. Vale destacar que a infância é a fase mais importante na vida de uma criança. É nesta fase que seus traços são construídos a partir da própria personalidade.

O professor tem um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, pois é um dos principais responsáveis por estimular, e como responsável, vai ajudar a debater as dificuldades que aparecerão durante a jornada, principalmente com o assunto em foco, onde vão poder ter a possibilidade de amenizar os impactos das telas no processo de aprendizagem e no desenvolvimento infantil.

O instrumento para coleta de dados que foi escolhido, foi a entrevista com crianças, pais, professores, diretores e outros profissionais da escola, visto que é um meio importante para investigação da problemática. É um eixo que permite ao pesquisador um material minucioso e profundo sobre o estudo, principalmente aos possíveis aspectos que não são capturados durante o período de observação direta da ocorrência.

O segundo instrumento selecionado foi o questionário, dado que possibilita uma comparação mais objetiva entre o meio escolar e familiar, facilitando uma avaliação, através desta ocasião é viável para medir atitudes, opiniões, comportamento, circunstâncias da vida do cidadão, entre outras questões.

Em outras palavras, se comparada com o questionário, a entrevista apresenta certas vantagens: não exige que o participante saiba ler e escrever; possibilita a obtenção de maior número de respostas e ainda, existe maior resistência para responder a um questionário do que ser entrevistado (Silva et al, 2006).

Assim, vale destacar que o documento desenvolvido procurou respeitar o que demonstra na resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que discorre sobre respeito, sigilo e a bioética aos envolvidos, com intuito de evitar determinados danos éticos aos sujeitos envolvidos. (Brasil, 2016).



O desenvolvimento humano é um processo constante e a infância constitui a base para as relações futuras. Philippe Ariès (1981) destaca que a infância ganhou notoriedade pelas problemáticas que a cercam. Atualmente, a exposição precoce e exagerada às tecnologias afeta a vida social e educacional das crianças. Jean Piaget (1999) afirma que a aprendizagem ocorre pela interação indivíduo-ambiente; logo, o foco exclusivo nas telas limita essa troca e prejudica o conhecimento.

Sobre essa relação entre desenvolvimento e meio, Vigotski (2000, p. 322) ensina que: “A aprendizagem está sempre adiante do desenvolvimento [...] a criança adquire certos hábitos e habilidades numa área específica antes de aprender a aplicá-los de modo consciente e arbitrário.” Nesse contexto, a pesquisa realizada com seis professoras da rede de ensino de Sobral (CE), identificadas por nomes de flores (Girassol, Gardenia, Violeta, Iris e Margarida), revela a percepção docente sobre essa realidade.

O uso de telas e os impactos no desenvolvimento infantil

Quando questionadas se o uso de telas afeta o desenvolvimento, todas as professoras responderam de forma unânime que sim. A professora Girassol detalha os prejuízos à saúde e ao desempenho escolar:

O uso de telas, principalmente em excesso, pode causar diversos malefícios para a saúde mental e emocional da criança, visto que, ela está em fase de desenvolvimento em todas as áreas. O uso de telas pode comprometer o aprendizado, interações sociais e qualidade de vida da criança, com uma ênfase importante no sono. É perceptível que a tela do celular atrapalha o essencial para um bom desempenho em suas atividades, que é uma boa qualidade de sono. As crianças tendem a chegar na escola com indisposição, falta de interesse nas atividades propostas e dificuldade para socializar. No geral, em uma realidade consideravelmente eletrônica, as telas de aparelhos eletrônicos irão robotizar nossas crianças caso não haja controle. (GIRASSOL).

Essa "robotização" mencionada pela docente reflete uma preocupação com a passividade cognitiva na infância. Quando a criança é exposta a fluxos ininterruptos de estímulos prontos, o seu cérebro habitua-se a uma velocidade que o mundo real não acompanha. O comprometimento do sono, detalhado pela Professora Girassol, não é apenas um cansaço físico; é um entrave ao processo de plasticidade cerebral. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), é durante o sono que ocorre a consolidação da memória. Portanto, uma criança que não dorme devido ao uso noturno de ecrãs terá, inevitavelmente, uma capacidade de retenção menor durante as atividades pedagógicas em sala de aula.

Estudos da EPM/UNIFESP corroboram essa fala, associando o uso excessivo a habilidades

motoras pobres e problemas de sono. Valle et al. (2009) reforçam que o sono é fundamental para a consolidação da memória e aspectos cognitivos.

A professora Gardenia expõe como o conteúdo consumido gera agressividade no ambiente escolar:

Na sala de aula, podemos ver claramente que o uso das telas afeta o comportamento das crianças. [...] Outras crianças, já têm um comportamento de "brincar" atirando no colega, fazendo "pou pou pou" com um objeto que assemelha ser uma arma. [...] O que as crianças fazem em casa repete na escola. [...] O que eles veem na tela, reproduzem na realidade. (GARDENIA).

Para Almeida, Silva e Teodoro (2014), a família pode ser negligente na construção de valores contra a violência ao não mediar esse conteúdo. As professoras Violeta e Iris complementam que o uso excessivo prejudica áreas motoras, sociais e cognitivas, reduzindo atividades físicas e interações face a face.

Sob esta ótica, o sedentarismo digital e a indisposição relatados pelas professoras não representam apenas uma falta de movimento, mas sim uma privação sensorial significativa que compromete a base do desenvolvimento. Na Educação Infantil, a criança necessita de estímulos multissensoriais para construir as suas estruturas cognitivas; a tela, por ser bidimensional e limitada à visão e ao toque superficial, oferece um estímulo "pobre" quando comparada à exploração do ambiente físico. Como observa Piaget (1999), sem a manipulação ativa do meio, a construção do pensamento lógico-matemático e a percepção espacial podem sofrer atrasos que se refletirão em dificuldades de alfabetização e de raciocínio abstrato nos anos subsequentes.

A infância é o período em que as experiências possibilitam o desenvolvimento físico e social. Jean Piaget (1999) analisou que a aprendizagem acontece através da interação indivíduo-ambiente. Assim, as tecnologias podem trazer prejuízo, pois o olhar da criança centra-se apenas nas telas, limitando a interação com o mundo externo; se não há interação, há pouco desenvolvimento.

As telas como agentes contribuintes na aprendizagem

Apesar dos riscos, Türcke (2012) e Desmurget (2019) alertam que o problema reside no uso empobrecedor. Quando há intencionalidade, as telas podem auxiliar. A professora Girassol explica:

Quando bem utilizadas, as telas podem agir a nosso favor. Podemos aproveitar da grande camada de informações que têm-se na Internet, para trazer novas formas de aprendizado. Um jogo educativo, que esteja de



acordo com a fase de aprendizado que a criança se encontra, além de ser entretenimento, traria também uma forma diferente de aprender, sem excessos, claro. (GIRASSOL).

Santos e Silva (2003) reiteram que as tecnologias devem tornar o processo educativo dinâmico e interativo. Gardenia destaca que o uso deve ter "intencionalidade pedagógica", servindo para vídeos ou jogos que estimulem o pensamento abstrato e reflexivo. Contudo, cabe lembrar a provocação de Freire (1984, p. 46): "Para mim o computador é um negócio extraordinário. O problema é saber a serviço de quem eles entram na escola. "

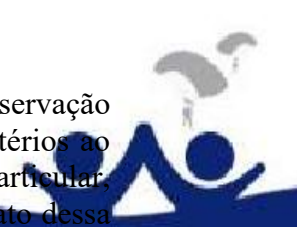
Desta forma, a intencionalidade pedagógica mencionada pela professora Gardenia torna-se o divisor de águas entre o uso alienante e o uso crítico da tecnologia na escola. Quando o educador assume o papel de mediador, ele retira o dispositivo digital da esfera do isolamento individual e o insere na esfera da coletividade, onde o recurso tecnológico serve como disparador para discussões em grupo e resolução de problemas. Segundo Santos e Silva (2003), o lúdico digital, quando integrado ao currículo com propósito, não substitui a prática docente, mas exige uma nova postura: a de curador de conteúdos que desafiem a criança a pensar de forma autônoma sobre o que consome, evitando a passividade cognitiva diante da imagem.

Expandindo a visão sobre o potencial das ferramentas digitais, é necessário destacar que a escola não deve ignorar a existência da tecnologia, mas sim ressignificá-la. A 'intencionalidade pedagógica' mencionada pelas entrevistadas sugere que o professor atue como um curador de conteúdo. Isso significa que, em vez de uma exposição passiva, o uso de telas deve ser ativo: a criança não deve apenas assistir, mas interagir, criar e resolver problemas através de aplicativos educativos selecionados. Quando o tablet ou o computador entram na rotina para ilustrar um fenômeno científico ou para permitir que a criança visualize realidades distantes, a tecnologia deixa de ser um fator de isolamento e passa a ser uma janela para o conhecimento expandido, combatendo a robotização por meio do uso crítico e reflexivo.

O papel da família e da escola diante da problemática

A mediação familiar é o principal passo para evitar danos. Conforme a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019, p. 11):

Conduzir o uso de telas na infância é um passo importante na conservação o uso excessivo dos aparelhos eletrônico pode trazer efeitos deletérios ao organismo das crianças, em âmbito visual, auditivo, osteoarticular, cognitivo e endócrino que se somam a uma maior chance de contato dessa



faixa populacional com pessoas desconhecidas...

A professora Gardenia enfatiza que a conscientização deve focar nos responsáveis, pois "a criança é aquilo que a gente faz dela". As famílias devem estabelecer limites e oferecer alternativas, como sugere Girassol:

As famílias podem propiciar às crianças momentos diferentes nas rotinas das crianças. Mesmo sem um bom suporte ou material específico, um simples momento de leitura pode trazer uma percepção diferente para os filhos, assim como também uma brincadeira, a prática de um esporte, aprender um novo hobby [...] Crianças gostam de ouvir e serem ouvidas, às vezes o vício nas telas pode ser também a falta de um diálogo ou interação um com os outros. (GIRASSOL).

Violeta reforça que os pais devem ser "modelos de comportamento", evitando o uso excessivo na frente dos filhos. A escola, por sua vez, deve acolher as famílias, promover o letramento digital e oferecer vivências ao ar livre e brincadeiras motoras que enriquecem o aprendizado sensorial, longe da passividade das telas.

Para além do controle técnico do tempo, o fortalecimento dos vínculos afetivos surge como a barreira mais eficaz contra a dependência tecnológica precoce.

A professora Girassol aponta acertadamente que a busca incessante pelas telas muitas vezes supre uma carência de interação genuína no seio familiar. É imperativo que os momentos em casa sejam resgatados como espaços de "desconexão" digital para a "reconexão" humana; atividades simples, como a contação de histórias ou a partilha de refeições sem dispositivos, permitem que a criança desenvolva a escuta ativa e a empatia. A escola, por meio do letramento digital parental, deve orientar que o tempo de qualidade é aquele em que o adulto está presente de forma plena, validando as emoções da criança e oferecendo o mundo real como o cenário mais fascinante e seguro para o seu crescimento integral.

A superação do uso excessivo de telas exige que a família redescubra o valor da presença e do ócio criativo. Muitas vezes, o dispositivo eletrônico preenche um vazio de interação que deveria ser ocupado pelo diálogo familiar. Quando as professoras sugerem atividades como leitura e esportes, elas estão propondo a retomada do corpo e da voz como ferramentas principais de aprendizado. A escola, por sua vez, assume o papel de porto seguro para essa conscientização, funcionando como um espaço de desintoxicação digital. Ao oferecer brincadeiras que exploram o tato, o equilíbrio e a socialização face a face, a instituição de ensino garante que a criança desenvolva habilidades socioemocionais que as telas são incapazes de ensinar, como a empatia, a espera e a tolerância à frustração.



O presente trabalho buscou analisar a importância de discutir o uso excessivo de telas na infância, considerando seus impactos no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças. A partir das leituras bibliográficas e das entrevistas realizadas com professoras da rede municipal de Sobral-CE, foi possível compreender que se trata de um tema atual, complexo e que exige atenção tanto da família quanto da escola.

As respostas das docentes evidenciaram que o uso excessivo das telas pode acarretar prejuízos ao desenvolvimento integral das crianças, especialmente nos aspectos social, cognitivo e emocional. Destacou-se a importância de observar os conteúdos consumidos e o tempo de exposição, uma vez que o uso inadequado pode interferir no comportamento, na qualidade do sono e, consequentemente, no rendimento escolar.

No contexto da sala de aula, foi possível perceber que crianças expostas por longos períodos às telas tendem a apresentar indisposição, dificuldades de concentração e menor envolvimento nas atividades propostas. Entretanto, também se reconhece que, quando utilizadas de forma orientada e com intencionalidade pedagógica, as tecnologias podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, ampliando possibilidades de acesso à informação e tornando as práticas mais dinâmicas.

Dessa forma, evidencia-se que o problema não está na tecnologia em si, mas no uso excessivo e sem mediação adequada. Torna-se fundamental que haja equilíbrio entre o tempo de exposição às telas e outras experiências essenciais à infância, como o brincar, a interação social e as atividades presenciais.

A família assume papel central nesse processo, sendo responsável por estabelecer limites, acompanhar os conteúdos acessados e promover rotinas equilibradas. A escola, por sua vez, pode atuar como parceira nesse processo de conscientização, promovendo diálogo com os responsáveis e orientando quanto ao uso saudável das tecnologias. A articulação entre família e escola mostra-se essencial para minimizar os impactos negativos e favorecer o desenvolvimento pleno das crianças.

Conclui-se, portanto, que os meios digitais fazem parte da realidade contemporânea e podem oferecer contribuições significativas quando utilizados de maneira consciente e mediada. Contudo, é indispensável a atuação responsável dos adultos na orientação do uso das telas, garantindo que a infância seja vivenciada de forma equilibrada e que o desenvolvimento das crianças ocorra de maneira integral.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, A.; SILVA, I. S.; TEODORO, M. L. M. **Agressividade na infância: influências da família e da escola**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. **Diário Oficial da**

União, Brasília, DF, 24 maio 2016.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para as nossas crianças.** São Paulo: Vestígio, 2019.

FREIRE, Paulo. **A máquina está a serviço de quem?** Entrevista à revista Cláudia, 1984.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MANÇANO, Bernardo. **Investimento e compromisso com a educação: o caso de Sobral.** 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia.** São Paulo: Nobel, 1994.

SANTOS, E.; SILVA, M. O lúdico e as tecnologias digitais na educação infantil. *Revista de Educação*, 2003.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). **Manual de Orientação: Menos Telas, Mais Saúde.** n. 01, Dez. 2019.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade do excitamento: filosofia da sensação.** Campinas: Editora Unicamp, 2012.

VALLE, L. E. L. R. et al. Sono e aprendizagem. *Revista Psicopedagogia*, v. 26, n. 80, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

